

A CRIATURA DIANTE DO CRIADOR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O ESTÁDIO RELIGIOSO DE KIERKEGAARD E O CHAMADO DE ISAÍAS

THE CREATURE IN THE PRESENCE OF THE CREATOR

A COMPARATIVE STUDY BETWEEN THE KIERKEGAARD'S RELIGIOUS STAGE
AND THE ISAIAH' CALL

Hariet Wondracek Krüger¹

RESUMO

Na fase de vida chamada por Kierkegaard de “estádio religioso” há uma marcante experiência com Deus, que ultrapassa limites do tempo e espaço. Isaías passou pela mesma experiência, e ambos os personagens sentiram-se abismados com a santidade de Deus, e falidos diante de sua situação de pecadores e da situação de pecado das comunidades às quais pertenciam.

Palavras-chaves: Experiência com Deus. Santidade de Deus. Falência humana.

ABSTRACT

In the Kierkegaard life's stage called “religious stadium” there's an important experience with God, which is beyond time and space's limits. Isaiah went through

¹ A autora é Bacharel em Música (STBSB) e em Sociologia (Unijuí), Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UNINTER), Mestre em Teologia (Ministério da Música) pelo STBSB (curso livre) e Mestranda em Teologia Profissional na FBTP. É professora da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: harietwk@hotmail.com

the same experience, and both characters felt scared with God's holiness, and failed facing their situations of sinners and the situation of the sin in their communities.

Keywords: Experience with God. God's holiness. Human failure.

INTRODUÇÃO

Como se sente a criatura humana diante do seu Criador, Deus? Certamente não é fácil transformar em palavras a consciência de se estar diante do Ser Supremo, infinitamente superior, totalmente sem limitações. Frequentemente essa constatação toma conta dos pensamentos dos estudiosos da Bíblia, bem como dos que questionam a profundidade de sua própria experiência com Deus, inserida no contexto maior que é a sua igreja, sua comunidade e o mundo cosmopolita atual.

Dois personagens serão debatidos neste artigo. O primeiro é o profeta Isaías, filho de Amós (não o profeta de Tecoá), residente na cidade de Jerusalém por volta de sete séculos antes de Cristo. Seu chamado, “no ano em que morreu o rei Uzias”, aconteceu em data incerta, mas sabe-se que pelo ano de 734 a.C. o profeta já era casado (Is 8.3), sendo sua esposa chamada de “profetisa” pelo fato de ser sua mulher.²

Isaías é considerado, muitas vezes, o maior dos profetas que deixaram documentos escritos. Seu nome significa “o Senhor salva”. Contemporâneo dos profetas Amós, Oseias e Miqueias, provavelmente passou a maior parte de sua vida em Jerusalém, pois sua influência maior se percebe durante o reinado de Ezequias. Segundo a tradição judaica, morreu serrado pelo meio durante o reinado de Manassés.³ Sua pregação incluiu a previsão a respeito da devastação sofrida por Israel no ano 537 a.C., bem como da volta do povo exilado, com a permissão do rei Ciro, da Pérsia. Portanto, suas profecias em relação aos acontecimentos tristes relacionados à idolatria e desobediência do povo de Deus foram proferidas mais de duzentos anos antes de serem cumpridas.⁴

O livro de Isaías é dividido em três grandes partes. A primeira, do capítulo 1 ao 39, descreve o pecado do homem e o plano divino de que o mesmo tenha uma vida cheia de bons frutos. Além disso, prevê a chegada do Messias, Escolhido ou Ungido, libertador não político, predizendo também tempos de paz e confiança não baseados em alianças políticas com povos vizinhos, mas na obediência a Deus. Os capítulos

² DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 13. ed. Tradução de J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. p. 288.

³ *BÍBLIA de estudo NVI*. Tradução das notas: Gordon Chown. São Paulo: Vida, 1995.

⁴ ARCHER, Gleason. *Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e contradições da Bíblia*. 2. ed. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 2001. p. 225.

finais da primeira parte dedicam-se a relatar uma série de eventos relacionados ao rei Ezequias, mas também descrevem novamente o sofrimento do cativo que virá.⁵

A segunda parte do livro (capítulos 40 a 55) se refere ao tempo depois do exílio e descreve, muitas vezes ironicamente, a loucura da idolatria. As colocações a respeito do “Servo do Senhor” fazem parte de suas previsões para o futuro, em que Deus se apresenta como o Redentor. A terceira parte (capítulos 56 a 66) chama o povo para o retorno à obediência, possivelmente se referindo ao período pós-exílio, quando a glória de Deus se manifestaria na terra. Desta forma, vê-se que os escritos de Isaías abrangem um grande período de tempo da história de Israel, mas sua mensagem é atemporal.⁶

O segundo personagem é um dos mais importantes filósofos do final do século XIX, reconhecido por muitos estudiosos como o “Pai do Existencialismo” e por outros, como existencialista cristão: Sören Aabye Kierkegaard nasceu em 1813 na Dinamarca e morreu precocemente em 1855. Influenciou vários pensadores posteriores, entre os quais o grande teólogo Karl Barth (1886-1968).⁷ Viveu em uma época de crise política e militar em seu país como sétimo filho de um segundo casamento conturbado pela culpa. Seu pai havia engravidado sua mãe antes de se casar com ela, estando ainda casado com a primeira esposa, com a qual não teve filhos. Kierkegaard rompeu um longo noivado e nunca se casou. Depois da morte do pai, vivendo confortavelmente dedicou-se exclusivamente a escrever.⁸

Em suas ideias e escritos rebateu fortemente as ideias de Georg Hegel (1770-1831), considerando-se a ideia filosófica defendida por este de que o homem segue a corrente pré-determinada por leis naturais, às quais está submisso. Kierkegaard, como precursor do Existencialismo que teria seu auge no século XX, pressupõe que a vida seja resultado de uma aquisição gradual de conhecimento, que se constrói durante sua existência seguindo a liberdade, característica de todo o ser humano. Essa é a espinha dorsal do Existencialismo.⁹

Nos últimos anos de sua vida criticou ferozmente a igreja estabelecida na

⁵ BROWN, Raymond. *Entendendo o Antigo Testamento: esboço, mensagem e aplicação livro por livro*. Tradução de Hope G. Silva. São Paulo: Shedd, 2004. p. 129.

⁶ BROWN, 2004, p. 131.

⁷ MILLER, Ed; GRENZ, Stanley J. *Teologias contemporâneas*. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 19.

⁸ BALLONE, G. B. *Sören Aabye Kierkegaard: pai da corrente filosófica do existencialismo*. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/br/site/?area=NO/LerNoticia=162>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

⁹ SANTANA, Ana Lúcia. *Existencialismo*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/existencialismo/>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

Dinamarca, por meio de pequenos livros periódicos chamados de *O Momento*. Sua acusação principal era de que o Cristianismo tinha sido substituído por uma religião oficial, sendo o pastor da igreja um simples representante da coroa, com outras funções que nada tinham a ver com a pastoral. Nem mesmo em seus últimos dias, já internado em um hospital, quis receber do pastor a comunhão.¹⁰

Em vários de seus escritos se utiliza de pseudônimos ou personagens fictícios que dialogam entre si. Na filosofia kierkegaardiana, a vida se divide em três estádios, que são momentos diferentes os quais determinam seu caminho rumo ao encontro com Deus.¹¹ É possível que esses estádios tenham a ver com sua própria vida, com traços autobiográficos entrelaçados em seus personagens.

O primeiro estádio é o chamado “estádio estético”, em que a pessoa vive como espectadora, com a vida ficando à mercê dos acontecimentos.¹² Nesse momento da vida o homem segue o princípio do prazer, com valores que vão desde a sensualidade até o poder e o dinheiro. O que importa é o aqui e agora, buscando-se novidades a cada experiência, sem cobranças de valores morais ou compromissos com fidelidade.¹³

O segundo estádio é considerado o “estádio ético”, onde o universal domina o individual, já que o homem reconhece e adota as regras universais.¹⁴ O prazer está relacionado à obediência às normas de vida, ao trabalho, à família, aos padrões da sociedade. Sente-se honrado em estar ligado aos outros, pois isso é um dever. Suas escolhas são responsáveis, e a pessoa sente-se marcada pelo compromisso das escolhas realizadas.¹⁵

Passa-se de um a outro estádio em saltos, por conversão. E assim é também para o terceiro estádio, chamado de “estádio religioso”. Esse é o que contempla o indivíduo diante de Deus, em uma relação única e intraduzível, sem explicações conceituais filosóficas ou gerais.¹⁶ O homem é “si mesmo”, tem consciência disso, mas deve realizar

¹⁰ BALLONE, G. B. Sören Aabye Kierkegaard: pai da corrente filosófica do existencialismo. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/br/site/?area=NO/LerNoticia=162>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

¹¹ NOGUEIRA, Paulo. Sören Kierkegaard: a realização do homem no plano religioso. Disponível em: <http://www.paulonogueira.com.sapo.pt/textos_de_apoio10/Unidade_06/Texto_50.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2013.

¹² SPROUL, R. C. *Filosofia para iniciantes*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 146.

¹³ RODRIGUES, Luís. *O laboratório do pensamento*. Disponível em: <<http://www.platanoeditora.pt/site/A51296CD-CE8D-489C-8943-DF3C24B4DC3.html>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

¹⁴ SPROUL, 2002, p. 147.

¹⁵ RODRIGUES, Luís. *O laboratório do pensamento*. Disponível em: <<http://www.platanoeditora.pt/site/A51296CD-CE8D-489C-8943-DF3C24B4DC3.html>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

¹⁶ VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. 4. ed. Tradução de Lélia de Almeida Gonzales. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1980. p. 337.

a obra de autoconhecimento sozinho. Esse é um estado de desespero, pois, ao mesmo tempo em que está sozinho, deparando-se consigo mesmo, está aos pés do próprio Deus.¹⁷ Esse estágio representa a vida religiosa, e, sem dúvida, para Kierkegaard é o ato decisivo da pessoa. Esse salto de fé, de acordo com Sproul, “faz a pessoa cair no colo não de um Deus que pode ser conhecido filosófica ou racionalmente, mas de um Deus que é o sujeito supremo”.¹⁸

É nesta última fase, ou estágio, que é possível comparar as experiências de encontro entre a criatura e o Criador, na análise dos sentimentos paralelos demonstrados pelo profeta Isaías e pelo filósofo Kierkegaard. Dezenas de séculos separam um do outro, entretanto suas reações diante da santidade de Deus, a consciência de seus próprios pecados e dos pecados de sua comunidade e a constatação da necessidade de purificação vinda sobrenaturalmente são compartilhadas. As obras de Kierkegaard não serão analisadas separadamente, mas, sempre que necessário, citadas na sua relação com a experiência de Isaías.

I. A CONTEMPLAÇÃO DA SANTIDADE DE DEUS

O povo israelita, especialmente seus profetas e sacerdotes, estava bastante familiarizado com o fato da santidade de Deus. A ideia em si nunca é fácil de ser definida, e vários teólogos tem escrito a respeito. Uma opinião geral a respeito é a de P. Bonnard:

A ideia de santidade (que muitas vezes se sobrepõe à de sagrado ou de pureza) é comum em todas as religiões, porém com matizes bastante fortes, conforme os tempos e lugares. Basicamente, encontramos quase sempre as duas ideias de separação (reserva) e de poder espiritual: é santo aquilo que tem sido reservado e separado para os deuses (santuários, oferendas, sacerdotes, mágicos, fórmulas litúrgicas, objetos de culto, etc.), seja para ser oferecido em sacrifício, seja para ser devotado a seu culto.¹⁹

Vários teólogos analisam a palavra *qōdesh*, e, embora seu sentido não seja claro, concordam que seu significado primitivo seja “cortar”, “marcar”, “separar”. Da raiz árabe e etíope *qd'* ou *qdw* pode-se derivar “ser brilhante” ou “ser puro”. O Antigo

¹⁷ ABE, Paulo. Kierkegaard: o terceiro estágio da vida é o estágio religioso. Disponível em: <http://www.projetophronesis.com/2009/08/05/0_terceiro_estagio_da_vida_e_o_estagio_religioso/>. Acesso em: 25 jul. 2013.

¹⁸ SPROUL, 2002, p. 148.

¹⁹ BONNARD, P. Santo. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). Vocabulário bíblico. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 540.

Testamento parece favorecer o sentido de “ser marcado” ou “ser separado do uso comum”.²⁰

Na realidade, a santidade de Deus é algo inquestionável na Bíblia. Ele mesmo declara que é santo (Lv 11.44-45 e Lv 19.2), relacionando esse atributo às ofertas dos animais oferecidos em adoração, gratidão e dedicação e às formas de vida pessoal, tanto em relação ao próprio Deus quanto em relação às atitudes para com o próximo. Isso significa que Israel deveria ser “totalmente consagrado a Deus”, de tal maneira que todos os aspectos da vida do povo pudessem ter “certa qualidade cerimonial”.²¹

Quando o ser humano ouve que Deus é santo, não deve entender que Deus é solitário, mas sim que Ele é transcendente, pertencente a outra esfera. Há uma distância entre Ele e o “eu” que não pode ser contaminada. Também é uma santidade ativa e dinâmica, já que tudo o que é entregue a Deus e todo lugar onde Ele reina é santo. Ele é a fonte de todo bem, e o mal jamais fará parte do seu Ser. Por isso, Seu povo deve ser santo, ordem repetida tanto no Antigo como no Novo Testamento.²²

Ralph Smith chama a atenção para o fato de Deus ter sido chamado três vezes de “santo” no Antigo Testamento: Is 6.3 e Sl 99.3, 5 e 9. Mas Isaías refere-se trinta vezes à santidade como característica do Deus de Israel.²³ A mente humana não tem como alcançar a dimensão dessa santidade. O mesmo autor afirma:

Dizer que Deus é santo é dizer que Deus é Deus. Santidade sugere o poder, o mistério, a transcendência - mas não a inatingibilidade - de Deus. O Antigo Testamento com frequência recorre a antropomorfismos para falar de Deus. Fala dos seus olhos, rosto, pés, braço e mão. Essa linguagem poderia levar à humanização de Deus, não fosse sua santidade. A santidade de Deus o separa de todas as outras coisas do universo, incluindo o próprio universo. A palavra ‘santo’ usada para descrever Deus torna impossível qualquer pensamento de um deus criado pelo ser humano. Deus não é uma pessoa divinizada.²⁴

Não se sabe exatamente se a experiência de Isaías aconteceu, de fato, no templo construído por Salomão, ou se foi uma visão do templo celestial. Wiersbe²⁵ afirma que

²⁰ SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 181.

²¹ BÍBLIA de estudo NVI, 1995, p. 175.

²² COELHO FILHO, Isaltino Gomes. *Estudo bíblico sobre santificação*. Disponível em: <<http://www.isaltino.com.br/doctos/art65.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

²³ SMITH, 2001, p. 181.

²⁴ SMITH, 2001, p. 181.

²⁵ WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo: v. 4, Proféticos*. Tradução de Susana E. Klassen. São Paulo: Geográfica, 2008. p. 17.

o lugar era celestial, pois o trono estava no alto e, do ponto de vista celestial, a terra toda estava cheia de Sua glória. De qualquer forma, o local físico não modifica seu sentido. A grande constatação foi que Isaías contemplou a visão de Deus e dos seres celestiais, vendo atitudes de reverência (os seres cobriam seus rostos), humildade (também cobriam seus pés) e serviço (voavam com as asas que lhes sobravam), elementos indispensáveis para a adoração da criatura diante do Deus Criador.²⁶

É admirável que neste episódio bíblico haja evidente interferência entre a imanência e a transcendência de Deus. Isaías temeu e tremeu diante desse fato, e considera-se que, embora provavelmente já tenha sido considerado profeta antes, a visão que presenciou tenha dado início ao ministério propriamente dito, conferindo autorização para a proclamação do juízo chocante de Deus em relação ao povo idólatra.²⁷ Conforme Millard Erickson, os conceitos de imanência e transcendência andam juntos:

O significado da imanência é que Deus está presente e ativo dentro de sua criação e dentro da raça humana, mesmo naqueles membros que não creem nele ou não lhe obedecem. Sua influência está em toda parte. Ele age nos processos naturais e por meio deles. O significado da transcendência é que Deus não é uma mera qualidade da natureza ou da humanidade; ele não é simplesmente o mais elevado dos seres humanos. Ele não é limitado à nossa capacidade de compreendê-lo. Sua santidade e bondade vão muito além, infinitamente além das nossas, e isso também é verdade em relação a seu conhecimento e poder.²⁸

Neste sentido, Isaías experimentou o “salto de fé” ao contemplar a glória de Deus, tornando-se apto ao cumprimento de sua tarefa profética. Seu ano, provavelmente, havia sido triste (havia morrido o rei Uzias, a quem havia acompanhado durante um bom tempo). A consciência do pecado de Israel certamente o incomodava, pois o próprio rei havia dado mau exemplo como líder nos últimos anos de sua vida. A Bíblia o descreve como orgulhoso e infiel, queimando incenso no altar do Senhor, tarefa que era reservada aos sacerdotes. Mesmo sendo censurado por oitenta deles, foi flagrado com o incensário na mão, sofrendo o castigo da lepra até o fim de seus dias, recluso em uma casa separada. Todos esses acontecimentos foram registrados pelo próprio profeta (2Cr 26.16-22). Era necessário que seu ministério profético fosse preparado

²⁶ HUSTAD, Donald P. *Jubilate! A música na igreja*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 75.

²⁷ BÍBLIA NVI.

²⁸ ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 101.

e amadurecido através da visão do Criador, o que se pode comparar ao “estádio religioso” de Kierkegaard.

Certamente não houve nenhuma visão majestosa de Deus na vida do filósofo. Sabe-se apenas que, na fase mais madura de sua vida, experimentou o próprio “salto de fé”, passando a viver dentro de uma nova realidade. De acordo com Kierkegaard, não há ligação entre o estágio ético, anterior, e o estágio religioso. O que há entre eles dá vertigem ao indivíduo, tamanho seu absurdo.²⁹ Desta forma, ele crê que Deus é a verdade, mas a pessoa só encontra essa verdade quando experimenta a tensão entre si mesmo e Deus. De acordo com Sproul, “o método subjetivo de Kierkegaard enfatiza a importância da experiência pessoal, em contraste com a informação factual. A apreensão subjetiva da verdade pela fé é o tipo de experiência que influencia profundamente como vivemos”.³⁰

Este momento de estar consigo diante de um Deus santo é o momento do encontro entre o temporal e o eterno. Nas palavras de Abraão de Almeida, relacionadas ao filósofo:

A essência do ser humano aparece quando traz a eternidade para dentro do tempo. Cada homem há de sofrer porque vive numa realidade muito física: liberdade *versus* tempo. [...] O único que realmente resolveu o paradoxo do tempo e da eternidade foi Jesus Cristo. Ele mesmo foi um paradoxo: Deus e homem; limitado e ilimitado; ignorante e conhecedor de tudo.³¹

De fato, é neste momento que Kierkegaard vê Cristo como ponte entre transcendência e imanência. Não há outra forma de entender, pois “Deus e o homem são duas naturezas separadas por uma infinita diferença de natureza. Toda a doutrina que não O quer em conta é para o homem uma loucura e para Deus uma blasfêmia”.³² Talvez tenha sido o momento em que se pode afirmar que tenha compreendido o papel de Cristo dentro da história da humanidade e dentro de si mesmo.

Este pensamento se justifica quando se percebe que a existência, para

²⁹ ABE, Paulo. Kierkegaard: o terceiro estágio da vida é o estágio religioso. Disponível em: <http://www.projetophronesis.com/2009/08/05/0_terceiro_estagio_da_vida_e_o_estagio_religioso/>. Acesso em: 25 jul. 2013.

³⁰ SPROUL, 2002, p. 151.

³¹ ALMEIDA, Abraão de. A influência das correntes teológicas e filosóficas na igreja. Ed. ampl. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 118.

³² KIERKEGAARD, Søren A. O desespero humano. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Nova Cultural, 1998. p. 276. (Série: Os pensadores).

Kierkegaard, é uma constante tensão entre o que o ser humano é e o que ele não é. Esse conceito aparece em seus personagens Johannes Climacus (*Migalhas filosóficas*) e Vigilius Hauniensis (*O conceito de angústia*). Nessa nova relação proporcionada pelo salto de fé a razão se esgota. Qualquer critério humano é superado, e a presença do paradoxo se impõe.³³

Na obra *Temor e tremor* o autor é ainda mais enfático quando se depara com a necessidade humana de antever o que é eterno como condição de saída para o seu desespero. A visão da vontade de Deus, tendo como pano de fundo a história de Abraão (o cavaleiro da fé) e sua disposição de obediência ao sacrifício do próprio filho, é entendida como sua luta para sair do temporal limitado e encontrar-se com o Eterno. Nas palavras do próprio Kierkegaard:

Se o homem não possuísse uma consciência eterna, se um ser selvagem e efervescente produtor de tudo, grandioso ou fútil, no torvelinho das paixões obscuras existisse só no fundo de todas as coisas; se sob elas se escondesse infinito vazio que nada pudesse encher, que seria da vida, se não só o desespero?³⁴

Neste ponto, entende-se que o filósofo não quis explicar o Cristianismo com filosofia. Para ele, “é necessário crer, e para crer não é necessário ser contemporâneo de Jesus, já que ver um homem não faz dele um deus”.³⁵ O fato histórico é visto no eterno por meio da fé. E, dentro do pensamento kierkegaardiano, na ausência do tempo, ou no eterno, qualquer época está igualmente próxima. Por isso, “a fé é sempre um salto, tanto para quem é contemporâneo de Cristo como para quem não é”.³⁶

Sendo assim, mesmo sem a chamada majestosa de Isaías, Kierkegaard demonstra claramente sua dependência de antever o eterno dentro do tempo como condição para o salto de fé. Não se pode comparar a experiência desses dois homens, mas sim considerar seus pontos em comum relacionados à consciência do encontro da eternidade com o tempo. Em Isaías foi uma visão do próprio Deus em Seu santo templo; em Kierkegaard, a consciência do “eu-mesmo” temporal, necessitado do homem-Deus, Jesus Cristo. Mas ambos se espantaram com sua própria condição pecaminosa ao compararem a limitação humana diante do Criador.

³³ GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. Liberdade e cristianismo em Kierkegaard. *Revista de teologia e cultura*, ano II, n. 14, jun. 2009. p. 40.

³⁴ KIERKEGAARD, Søren A. *Temor e tremor*. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Victor Civita, 1979. p. 201. (Série: Os pensadores).

³⁵ KIERKEGAARD, 1979, p. 201.

³⁶ REALI, Giovanni; ANTOSERI, Dário. *História da filosofia: do romantismo até os nossos dias*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 3, p. 244.

2. A CONSTATAÇÃO DA FALÊNCIA ESPIRITUAL INDIVIDUAL

Quando diante do seu Criador, a criatura se torna imediatamente ciente de sua própria limitação e impotência no alvo de atingir um padrão alto o suficiente para que possa se comunicar e entrar na eternidade. Em vários textos bíblicos há essa constatação. O autor do Salmo 8, ao comparar a grandeza do céu cheio de estrelas, faz esta mesma pergunta: Que é o homem e o filho do homem? (Sl 8.3-4). Aqui se observa a admiração provocada pela imensidão do firmamento em relação à pequenez do homem e a sua temporalidade. Entretanto, Deus o coroa de glória e honra (v. 5) e lhe concede domínio sobre toda a terra.³⁷

Para o profeta Isaías, a constatação do poder e da glória de Deus presentes em toda a terra foi tão poderosa que “os batentes das portas tremeram e o templo ficou cheio de fumaça” (Is 6.4). Na realidade, o tremor parece ter sido provocado pelo som das vozes dos serafins, mas, de qualquer forma, o profeta foi imediatamente tomado de tal pavor que gritou: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros” (Is 6.5a).

Que significa “ai de mim”? O grito foi de desespero, sem dúvida, pois um profeta só gritaria em caso de urgência. Também foi uma constatação de falência: “Estou perdido”. Ou seja: não há o que fazer, pois o ser humano, mesmo sendo profeta, é limitado em sua miserabilidade e pecado. Nesse momento Isaías parece completamente sem esperança, não antevendo nenhuma possibilidade de salvação diante da presença do Senhor.

Uma das características admiráveis deste episódio é o fato de Isaías ter visto primeiro a si mesmo. Não buscou “bodes expiatórios”, nem tentou desculpar seu próprio pecado pelo pecado de quem o cercava, ou por meio da queixa de sua herança genética. Também não colocou a culpa em Deus. Pelo contrário: assume a responsabilidade por seus próprios atos e a culpa de suas atitudes contrárias à vontade divina.³⁸

Constatar a própria responsabilidade é o começo do arrependimento, vindo exatamente através da proximidade com o Reino dos Céus. De acordo com J. Ph. Ramseyer, o arrependimento é uma transição:

O arrependimento, situando-se na transição de uma condição para outra, denota um momento de tensão entre duas realidades que mutuamente se excluem. É precisamente neste

³⁷ BÍBLIA de Estudo NVI, 1995, p. 880.

³⁸ MELLO, José Ildo Swartele. Seis visões de Isaías seis. Disponível em: <<http://www.pt.scribt.com/doc/12863397/6-visoes-de-isaias-6>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

ponto, em que se confrontam o Reino de Deus e os reinos deste mundo, que o arrependimento e a conversão devem ser colocados.³⁹

A reação expressiva de Isaías tem a ver com dois ensinamentos bíblicos a respeito da consequência do pecado: a culpa e a punição. Para Erickson, a culpa pode ser “o estado objetivo de ter violado o propósito de Deus para a humanidade, e assim, estar sujeito à punição”.⁴⁰ A punição vem da possibilidade de castigo divino, principalmente na dimensão retributiva, tão comum no Antigo Testamento.⁴¹ De qualquer forma, Isaías parece consciente dessas duas consequências, e se considerou culpado o suficiente para merecê-las.

Conforme a opinião do Pr. José Ildo S. de Mello, o encontro com Deus produz o humilde reconhecimento de pecado e culpa, conduzindo o ser humano ao arrependimento.⁴² Essa foi a situação do profeta Isaías, como criatura diante do seu Criador: falência total das tentativas de parecer justo ou fazer o que é certo, quando comparado à pureza e santidade de Deus.

Com relação a Sören Kierkegaard, seu salto de fé também produziu, em si mesmo, uma versão filosófica do “ai de mim” de Isaías. Escrita em 1849 a respeito do desespero, analisa esse sentimento resultante da ausência de fé como “a doença mortal”. Para ele, fora da fé só existe desespero.⁴³

Há uma forte visão de si mesmo e do seu estado de pecado. O filósofo afirma que a experiência com o pecado é muito maior que a ética, pois é uma experiência religiosa. Não deve ser considerada apenas uma falta jurídica, mas uma questão de visão ontológica. De certa forma, o homem que peca é o homem que ousa determinar sua independência de Deus, declarando a independência de sua própria vida. “Querer-se a si mesmo não é, de alguma forma, negar Deus?” pergunta o filósofo.⁴⁴

Neste ponto, o “ai de mim” de Isaías se confunde com seu estado de desespero. Na obra *O desespero humano*, Kierkegaard afirma que o homem não pode permanecer no pecado, pois “permanecer no pecado é pior que cada pecado isolado, é o pecado por excelência”.⁴⁵ Esse pecado aparece ainda mais quando existe a proximidade

³⁹ RAMSEYER, J. Ph. Arrependimento. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). *Vocabulário bíblico*. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 48.

⁴⁰ ERICKSON, 1992, p. 248.

⁴¹ ERICKSON, 1992, p. 249.

⁴² MELLO, José Ildo Swartele. *Seis visões de Isaías seis*. Disponível em: <<http://www.pt.scribt.com/doc/12863397/6-visoes-de-isaias-6>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

⁴³ KIERKEGAARD, 1979, p. 240.

⁴⁴ VERGEZ; HUISMAN, 1980, p. 338.

⁴⁵ KIERKEGAARD, 1998, p. 268.

com Deus: “O homem se desespera ainda mais em contato com Deus, por ainda estar afastado dele”.⁴⁶

O personagem Vigilius Haufeniensis, da obra *O conceito de angústia*, não consegue separar a alma e o corpo pecaminoso. Para ele, o corpo é a síntese dele mesmo e da alma, e o espírito é o terceiro elemento, perturbador da relação que poderia ser harmoniosa. O desespero aparece agora junto com a angústia, já que a situação de culpa está presente. O personagem afirma que “o espírito é uma potência amiga, desejosa de constituir a relação. Qual é, pois, a relação do ser humano com esta potência? Qual a relação do espírito com ele mesmo e com sua condição? A relação é de angústia”.⁴⁷

Outro personagem de Kierkegaard é Johannes Climacus. Ele, nas suas divagações filosóficas, afirma que a sabedoria humana é limitada, mas que saber que se é diferente de Deus é o primeiro passo para se saber algo. E a maior diferença entre Deus e o homem é justamente o pecado, visto nesse momento como um estado de não verdade.⁴⁸

Portanto, desespero e angústia parecem ligados fortemente nos escritos do filósofo quando ligados à presença de Deus e à consciência do estado de pecado. Essa situação traz sentimentos conflitantes em que, ao mesmo tempo em que luta pela presença de Deus, também tenta se aproximar dEle. Em síntese a respeito desse assunto tratado por Kierkegaard, André Luiz Salles assim se expressa:

Se ao pecar o homem se afasta da essência de Deus, paradoxalmente dela se aproxima também, pois é o vazio da existência da vida desprovida de Deus que conduz o homem a descobrir a falta de comunhão com o ser divino em sua interioridade e assim iniciar sua trajetória rumo ao sagrado.⁴⁹

Quando o assunto é pecado individual, e na comparação entre o profeta Isaías e Kierkegaard, há um paralelo interessante. Isaías confessa seu pecado, nomeando-o como “lábios impuros”. Não se sabe exatamente a que tipo infração se referiu naquele momento, mas certamente os lábios são mencionados porque a palavra falada era

⁴⁶ KIERKEGAARD, 1998, p. 268.

⁴⁷ HAUFENIENSIS, Vigilius; KIERKEGAARD, Sören A. *O conceito da angústia*. Tradução de João Lopes Alves. Lisboa: Presença, [s.d.], p. 24.

⁴⁸ KIERKEGAARD, Sören A. *Fragmentos filosóficos*. Tradução de Arnaldo Canclini. Buenos Ayres: La Aurora, [s.d.], p. 43.

⁴⁹ SALLES, André Luiz. Considerações sobre o pecado original em Sören Kierkegaard: uma explicação do conceito e seus reflexos no mundo. *Sacrilegens* - Revista de alunos do programa de pós-graduação em Ciências da Religião - UFJF. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/08/1-5.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

exatamente a ocupação e tarefa do profeta. Assim, Isaías reconheceu sua indignidade como profeta.⁵⁰ Em Kierkegaard o pecado é interno, é sentimento de autossuficiência diante de Deus. Em *O desespero humano*, refere-se claramente à potencialização do pecado devido ao sentimento de independência humana:

Pecamos quando, perante Deus ou com a ideia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós próprios. O pecado é, deste modo, fraqueza ou desafios elevados à suprema potência; é, portanto, condensação do desespero. O acento aqui cai sobre o estar *perante* Deus ou ter ideia de Deus; o que faz do pecado aquilo que os juristas chamam de 'desespero qualificado'; a sua natureza dialética, ética, religiosa, é a ideia de Deus.⁵¹

De qualquer forma, ambos passaram pela crise de ter de reconhecer seu pecado individual ao serem confrontados com a presença divina. Mas a criatura diante do seu Criador também lança seu olhar para o ambiente em que vive, e reconhece o pecado comunitário.

3. A CONSTATAÇÃO DA FALÊNCIA ESPIRITUAL COMUNITÁRIA

A palavra “comunidade” na Bíblia está relacionada a “povo”, “família”, “reunião”, “totalidade”.⁵² A mesma relação se faz atualmente, já que sua raiz vem das várias passagens que retratam o pecado como “irradiando” do indivíduo para a comunidade. Ou seja: além de acarretar consequências individuais, o pecado poderia ser colocado em movimento e, mais cedo ou mais tarde, acabaria por contaminar toda a comunidade.⁵³ Talvez esse tenha sido o motivo de a Bíblia relatar tantas vezes o pecado ser considerado pecado de família ou de tribo inteira. Mas é certo que o erro se alastra por meio do exemplo, e um erro que se torne habitual passa a ser considerado “senso comum”, ou seja, de aceitação comunitária, e não exposto mais a julgamento.

Logo após reconhecer seu próprio pecado, o profeta Isaías também reconheceu que o pecado era a realidade de seu próprio povo (Is 6.5). Certamente as palavras do profeta não indicam uma tentativa de justificação por sua parte, mas o reconhecimento de um padrão de justiça não mais existente entre o povo de Deus. Esse era um dos problemas sérios de Israel. Os primeiros capítulos do livro declaram a palavra de Deus,

⁵⁰ BRUCE, F. F. (Edit.). *Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de Valdemar Kroke. São Paulo: Vida, 2001. p. 1004.

⁵¹ KIERKEGAARD, 1998, p. 382.

⁵² BONNARD, 2001, p. 453.

⁵³ SMITH, 2001, p. 283.

que estava decepcionado pelo fato de ter sido abandonado pelo Seu próprio povo (Is 1.2-3), que oferecia sacrifícios hipócritas (Is 1.11-14) com as mãos cheias de sangue. O povo havia se esquecido de cuidar dos mais fracos, e teve a pretensão de chamar o mal de bem (Is 5.20-21) fazendo da inversão de valores seu modo particular de vida.

Neste ambiente tão cheio de problemas, por que Isaías priorizou os “ímpuros lábios” do povo que habitava com ele em comunidade? Na leitura atenta da Bíblia percebe-se que uma das principais acusações do profeta à sua comunidade era a hipocrisia. O fato de estenderem as mãos a Deus não esconde o fato de estarem cheias de sangue (Is 1.15). Havia sincretismo religioso entre os líderes, que confiavam também em adivinhos e mágicos (Is 3.1-3). Havia injustiça social, sensualidade e idolatria.

Lábios estão relacionados à palavra. A palavra é viva, operante e pode ser um instrumento poderoso. Também pode ser autônoma, mentirosa, fora da vontade de Deus. “A mentira está no próprio coração do mistério do pecado”,⁵⁴ e todo ídolo é mentira, que atribui a si mesmo o que pertence a Deus e promete o que não pode dar. A mentira é relacionada com “ter duas vidas”, causa fascinação pelo seu poder, convence sua presa de sua impotência. Na realidade, é vista no Antigo Testamento como a origem do próprio pecado, engano que faz o homem seguir o alvo imaginário. Também é fatal, porque o homem se perde crendo nela.⁵⁵

Sendo assim, percebe-se porque Isaías acusa sua comunidade de “ímpuros lábios”, relacionados à mentira e engano provocados por uma religião falsa, feita de aparências, recheada de atribuições de poder a outros deuses ou valores. O mesmo sentimento também acompanhou Kierkegaard no seu estágio religioso. Sua obra *Attack upon christendom* é uma das que denunciam o Cristianismo vazio, cheio de espectadores, produzindo mais observadores do que praticantes do verdadeiro Cristianismo. Baseado nela produziu sua tese mais importante: “Verdade com Subjetividade”.⁵⁶ Foi bastante severo quando considerou os outros como “massa de macaquinhos”, delito *lesa-majestade* contra Deus. Mas também considerou que Sua graça se manifesta a cada um.⁵⁷

A crítica de Kierkegaard alvejou também os pastores, os cultos e a cristandade em geral. Deixa entrever sua rebelião contra o racionalismo que tenta explicar a teologia como algo a se evitar nas mensagens e conceitos cristãos:

⁵⁴ MAILOTT, A. Mentira. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). *Vocabulário bíblico*. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 332-333.

⁵⁵ MAILOTT, 2001, p. 332-333.

⁵⁶ SPROUL, 2002, p. 150.

⁵⁷ SPROUL, 2002, p. 150.

Ora, é exatamente assim que se fala do cristianismo - que falam os pastores crentes 'defendendo-o' ou 'transpondo-o de razões', se não é que o estragam a querer pô-lo especulativamente em 'conceito'; é o que chamam de pregar, e a cristandade tem já em grande estima esta forma de pregação... e os seus auditórios. Eis por que (isto o prova) a cristandade está tão longe daquilo que se diz, e a maior parte dos cristãos carece a tal ponto de espiritualidade que não pode sequer, no sentido estritamente cristão, considerar sua vida como pecado.⁵⁸

O conhecido romance filosófico *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, traz um capítulo interessante a respeito de Kierkegaard, e coloca o filósofo como um duro crítico da cultura europeia vigente na época, diante do fato de todos se considerarem cristãos. Deixou claro que o esforço do filósofo foi colocar o Cristianismo como algo adverso à razão, e defendia que o mesmo deveria ser bem definido como “isto” ou “aquilo”. Na sua opinião, é impossível “ser um pouco cristão”. Se Cristo realmente ressuscitou, esse fato é tão importante que deve marcar toda a vida. O europeu típico da época era evasivo em suas atitudes quanto às questões religiosas, e, para Kierkegaard, isso seria impossível, pois não bastava achar o Cristianismo verdadeiro, era necessário seguir realmente os passos de Jesus.⁵⁹

A crítica do filósofo em relação à religiosidade de seu povo continua na afirmação de que existe, realmente, uma religião estética, prisioneira de aparências e impulsos sentimentais. Paralela a esta, existe a religião moral, que é escrava do mandamento. Mas nada disso, na opinião dele, é Cristianismo real. “Apenas o estádio religioso permite ao ser humano, muito além do prazer, muito acima da lenta felicidade do dia a dia, conhecer a visita perturbadora da alegria, o amor infinito de Deus e sua sabedoria”.⁶⁰

Mas, de certa forma, Kierkegaard culpou também a comunidade na influência do pecado como prática usual. Não excluiu a responsabilidade pessoal, mas a pessoa, no próprio ser, receberia a influência do ambiente onde estivesse inserida, por algo que o filósofo chama de “acumulação histórica”.⁶¹ Ou seja: a comunidade acumula o hábito do pecado, que passa de geração em geração até se tornar imperceptível como erro. Esse acúmulo é a herança de cada pessoa, vinda da sociedade na qual está inserida.

⁵⁸ KIERKEGAARD, 1998, p. 254.

⁵⁹ GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Tradução de João Azenha Jr. 76. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 403.

⁶⁰ GUARNIERI, 2009, p. 45.

⁶¹ SALLES, André Luiz. Considerações sobre o pecado original em Søren Kierkegaard: uma explicação do conceito e seus reflexos no mundo. *Sacrilogens* - Revista de alunos do programa de pós-graduação em Ciências da Religião - UFJF. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilogens/files/2009/08/1-5.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

Neste ponto Kierkegaard também se aproxima de Isaías. A mensagem deste incluiu a rejeição ao Senhor por parte do povo, que praticava uma religiosidade superficial. Isaías viu a rejeição por parte de Deus do culto vazio, considerando-o sem propósito e nauseante, iníquo, e assim também Kierkegaard entendeu o mundo cristão europeu do final do século XIX. Fica a sensação, em ambos, de que não há esperança nem recuperação possíveis. Então entra a ação divina.

4. A DEPENDÊNCIA DA AÇÃO PURIFICADORA DE DEUS

Neste ponto a situação para ambos os personagens é desesperadora. A Bíblia é clara quando fala do desfavor de Deus em relação ao pecado, que Lhe causa desprazer, indignação e tristeza. Ao pecar o homem se coloca do lado oposto de Deus e se torna, de fato, Seu inimigo.⁶² A Bíblia, conforme J. Héring, também trata o pecado como “aquilo que se afasta do normal e da ordem divina, tudo o que se opõe à vida”. E mais:

O pecado é justamente aquilo que danifica a aliança ou a comunidade, aquilo que as põe em perigo. Em outras palavras, quando se peca, é sempre em relação a outro, seja Deus, seja Israel e seu Deus estando unidos na aliança. O pecado é, portanto, o aspecto de uma relação, tal como justiça. É produto e também violação de um dever que se havia aceitado.⁶³

Portanto, a culpabilidade do pecado é enorme. Em Isaías significou um peso enorme, que não poderia ter removido sozinho. E o Velho Testamento traz muitas tentativas de remoção do pecado, mas nenhuma era, de fato, bem-sucedida. Algumas eram atos externos como lavagem de água, outras vezes um animal o levava embora ou era usado o sacrifício para “desviar” a ira de Deus.⁶⁴

Nenhuma destas possibilidades aconteceu. O texto é claro: “Logo um dos serafins voou até mim trazendo uma brasa viva, que havia tirado do altar com uma tenaz. Com ela tocou a minha boca e disse: ‘Veja, isto tocou os teus lábios; por isso a sua culpa foi removida e o seu pecado será coberto’” (Is 6.6-7 - grifo da autora). “Brasas vivas eram levadas para dentro do Lugar Santíssimo no Dia da Expição (Lv 16.12) quando era oferecido sacrifício para propiciação dos pecados”.⁶⁵

Mas, no caso de Isaías, a ordem para trazer a brasa veio do próprio Deus. O fogo bíblico tem papel duplo: purifica certos objetos como, por exemplo, os metais, mas

⁶² ERICKSON, 1992, p. 247.

⁶³ HÉRING, J. Pecado. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). *Vocabulário bíblico*. 3. ed. Trad. Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 435.

⁶⁴ SMITH, 2001, p. 288-289.

⁶⁵ BÍBLIA de estudo NVI, 1995, p. 1147.

também consome a oferta que sobe para Deus. Mas a ação purificadora mesmo vem de um ato de Deus. Por isso, o maior crime é recusar-se a ser purificado.⁶⁶ Mas o profeta imediatamente aceitou passar pela experiência da brasa viva em seus lábios, e por isso seu pecado desapareceu (“foi coberto” e “foi perdoado”, v. 7).

O reconhecimento de seu próprio pecado foi a concordância de que necessitava de transformação. Isaías viu que o profeta necessita de lábios puros para anunciar uma mensagem importante como é a do Altíssimo. Ele deve ter sentido a incoerência entre lábios, que podem ser instrumentos de iniquidade, e a responsabilidade de transmitir o recado de Deus.⁶⁷

A realidade é que o pecado só pode ser apagado em um ato de perdão de Deus, que restaura a comunhão com Ele como consequência direta do arrependimento. Somente Deus pode perdoar pecados, porque o perdão não anula o efeito do pecado, por exemplo, quando causa a morte de alguém. De fato, a ideia do perdão de Deus continua um mistério no Antigo Testamento, que prenuncia o perdão definitivo que veio em Cristo por meio de Sua morte e ressurreição.⁶⁸

Este é o perdão do Eterno que entra na temporalidade humana. Kierkegaard também se encontrava consciente de seu estado de pecado, sabendo que mereceria julgamento. Em *Temor e tremor*, refere-se à inquietude mais elevada do espírito, a “impaciência da eternidade”, aguçada pelo temor e tremor contínuos, mais aguçada ainda pelo fato de se encontrar num mundo perverso “que crucifica o amor e está abalado de estremecimento pela prestação de contas final, quando o Senhor e Mestre retornará para julgar se os seus cristãos foram fiéis”.⁶⁹

Este é o verdadeiro paradoxo, expressão mais real para a verdade existencial que tenta eliminar “a diferença absoluta na igualdade absoluta”. Esse instante, “momento em que se tocam tempo e eternidade”, está fora do ser humano. Esse instante é dado por Deus-salvador, que “ao valorizar o instante possibilita o arrependimento e a conversão”.⁷⁰ Fica evidente mais um paralelo entre Isaías e Kierkegaard: a consciência da dependência de Deus para que a purificação seja consumada.

O filósofo também deixa claro que o chamado é de Deus, mas que o homem deve

⁶⁶ LYS, D. Puro. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). *Vocabulário bíblico*. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 474-475.

⁶⁷ SHEDD, Russell. *Adoração bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 121.

⁶⁸ HÉRING, 2001, p. 440.

⁶⁹ KIERKEGAARD, 1979, p. 238.

⁷⁰ GUARNIERI, 2009, p. 41 e 44.

decidir pela fé. O chamado se dá a cada instante, num diálogo interno entre Deus e o homem.⁷¹ A diferença entre Deus e o ser humano, para Kierkegaard, é infinita, produzindo um abismo também infinito causado pela pecaminosidade do homem. Este precisa entregar-se a Deus, mesmo sem a garantia de salvação. É o sofrimento humano que faz com que o homem entenda que não pode fazer nada sozinho, mas, como indivíduo, solicita para si a compaixão de Deus, que pela graça divina o atende, unindo-se a ele.⁷²

Neste instante o filósofo concorda com o profeta sobre o fato de ser necessária a disposição de se deixar passar pela experiência de purificação. Mesmo sendo esta uma iniciativa divina, só poderá se tornar real na aquiescência humana. Esse fato continua um mistério, mas não há necessidade de ser simplesmente um saber histórico racional.

Afinal, pergunta Kierkegaard, existe a possibilidade de felicidade sobre um saber histórico? Pois Deus se fez homem e esse é um paradoxo inexplicável que se adentra no absurdo da fé, que torna o finito, infinito, e não há possibilidade de racionalização humana.⁷³ A resposta a que ele mesmo chegou afirma que sim, pois aceitar a Cristo seria aceitar o paradoxo, superar o limite das bases intelectualistas influenciadas pelos ideais europeus que são a adoração ao progresso e o capitalismo, tornando o homem desumanizado.⁷⁴ A iniciativa da obra de Jesus na Terra foi, portanto, iniciativa divina, que providenciou para o ser humano a possibilidade de completar seu estágio religioso por meio da fé, que ultrapassa barreiras de eternidade ou temporalidade.

Neste momento, Isaías e Kierkegaard se separam nas suas experiências, já que o profeta recebe sua missão de proclamação dos problemas e efeitos que o pecado de Israel traria, bem como das bênçãos futuras de uma nação restaurada por meio da obediência e da vinda do Messias. Não há uma experiência de chamada em Kierkegaard. É possível que sua missão termine com a sua descrição do que é o estágio religioso, da importância de se entender o papel da fé e de ser um cristão autêntico, tanto no seu interior quanto nos seus atos diários.

⁷¹ SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. *A existência ética e religiosa em Kierkegaard: continuidade ou ruptura?* São Carlos: UFSC, 2010. Tese de doutorado. p. 81.

⁷² SAMPAIO, 2010, p. 92.

⁷³ OLIVEIRA, Geovani Paulino. *Dostoiévski e Kierkegaard: o salto na fé como resposta ao paradoxo e ao racionalismo moderno.* Fortaleza: UEC, 2011. Dissertação de mestrado. p. 57.

⁷⁴ OLIVEIRA, 2011, p. 57.

CONCLUSÃO

O estudo dos paralelos do estágio religioso entre o profeta Isaías e o filósofo Kierkegaard pode ser especulativo. Mas é real o fato de que os cristãos em geral necessitam pensar na sua própria atitude de criaturas diante do Criador, Deus, pois é dEle a iniciativa de aproximação. Atualmente, muito se fala em “estar diante do trono”, tanto em mensagens faladas quanto nas músicas cantadas nas igrejas. Mas pouco se medita nas atitudes humildes que o ser humano deve assumir diante da majestade gloriosa e reveladora de Deus, na realidade a relação mais importante que pode haver. De fato, a atitude do ser humano deveria ser de menos festa e mais reconhecimento de sua própria situação, totalmente dependente do Criador para a salvação, com mais reconhecimento e consagração.

Conclui-se este estudo com as brilhantes palavras de Karl Barth, a respeito do relacionamento de Deus com o homem:

A humanidade de Deus - isto, corretamente compreendido, deve por certo, significar: o seu relacionar-se com o ser humano e o voltar-se para ele; Deus que fala com o ser humano em promessa e mandamento; o ser, a intervenção e a ação de Deus em favor do ser humano; a comunhão que Deus mantém com o ser humano; a livre graça de Deus, na qual ele não quer ser e não é Deus, exceto como Deus do ser humano.⁷⁵

REFERÊNCIAS

ABE, Paulo. **Kierkegaard: o terceiro estágio da vida é o estágio religioso**. Disponível em: <http://www.projetophronesis.com/2009/08/05/0_terceiro_estagio_da_vida_e_o_estagio_religioso/>. Acesso em: 25 jul. 2013.

ALMEIDA, Abraão de. **A influência das correntes teológicas e filosóficas na igreja**. Nova edição ampliada. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ARCHER, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e contradições da Bíblia**. 2. ed. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 2001.

⁷⁵ BARTH, Karl. **Dádiva e louvor**. Artigos selecionados. 2. ed. Tradução de Walter O. Schupp, Luís Marcos Sander e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1996. p. 389.

BALLONE, G. B. **Sören Aabye Kierkegaard**: pai da corrente filosófica do existencialismo. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/br/site/?area=NO/LerNoticia=162>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

BARTH, Karl. **Dádiva e louvor**. Artigos selecionados. 2. ed. Tradução de Walter O. Schupp, Luís Marcos Sander e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, 1996.

BÍBLIA de estudo NVI. Tradução das notas: Gordon Chown. São Paulo: Vida, 1995.

BONNARD, P. Santo. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). **Vocabulário bíblico**. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

BROWN, Raymond. **Entendendo o Antigo Testamento**: esboço, mensagem e aplicação livro por livro. Tradução de Hope G. Silva. São Paulo: Shedd, 2004.

BRUCE, F. F. (Edit.). **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroke. São Paulo: Vida, 2001.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Estudo bíblico sobre santificação**. Disponível em: <<http://www.isaltino.com.br/doctos/art65.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

DAVIS, John D. **Dicionário da Bíblia**. 13. ed. Tradução de J. R. Carvalho Braga. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1992.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. Tradução de João Azenha Jr. 76. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. Liberdade e cristianismo em Kierkegaard. **Revista de teologia e cultura**, ano II, n. 14, jun. 2009.

HAUFENIENSIS, Vigilius; KIERKEGAARD, Sören A. **O conceito da angústia**. Tradução de João Lopes Alves. Lisboa: Presença, [s.d.].

HÉRING, J. Pecado. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). **Vocabulário bíblico**. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

HUSTAD, Donald P. **Jubilate!** A música na igreja. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986.

KIERKEGAARD, Sören A. **Fragmentos filosóficos**. Tradução de Arnaldo Canclini. Buenos Ayres: La Aurora, [s.d.].

_____. **O desespero humano**. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Nova Cultural, 1998. (Série: Os pensadores).

_____. **Temor e tremor**. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Victor Civita, 1979. (Série: Os pensadores).

LYS, D. Puro. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). **Vocabulário bíblico**. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

MAILLOTT, A. Mentira. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.). **Vocabulário bíblico**. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

MELLO, José Ildo Swartele. **Seis visões de Isaías seis**. Disponível em: <<http://www.pt.scribt.com/doc/12863397/6-visoes-de-isaias-6>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

MILLER, Ed; GRENZ, Stanley J. **Teologias contemporâneas**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

NOGUEIRA, Paulo. **Sören Kierkegaard: a realização do homem no plano religioso**. Disponível em: <http://www.paulonogueira.com.sapo.pt/textos_de_apoio10/Unidade_06/Texto_50.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2013.

OLIVEIRA, Geovani Paulino. **Dostoiévski e Kierkegaard: o salto na fé como**

resposta ao paradoxo e ao racionalismo moderno. Fortaleza: UEC, 2011.
Dissertação de mestrado.

RAMSEYER, J. Ph. Arrependimento. In: ALLMEN, Jean Jacques (Org.).
Vocabulário bíblico. 3. ed. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE,
2001.

REALI, Giovanni; ANTOSERI, Dário. **História da filosofia: do romantismo até os
nossos dias**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 3.

RODRIGUES, Luís. **O laboratório do pensamento**. Disponível em: <[http://
www.platanoeditora.pt/site/A51296CD-CE8D-489C-8943-DF3C24B4DC3.html](http://www.platanoeditora.pt/site/A51296CD-CE8D-489C-8943-DF3C24B4DC3.html)>.
Acesso em: 25 jul. 2013.

SALLES, André Luiz. Considerações sobre o pecado original em Sören
Kierkegaard: uma explicação do conceito e seus reflexos no mundo. **Sacrilegens** -
Revista de alunos do programa de pós-graduação em Ciências da Religião - UFJF.
Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/08/1-5.pdf>>. Acesso em:
25 jul. 2013.

SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. **A existência ética e religiosa em
Kierkegaard: continuidade ou ruptura?** São Carlos: UFSC, 2010. Tese de
doutorado.

SANTANA, Ana Lúcia. **Existencialismo**. Disponível em: <[http://www.infoescola.
com/filosofia/existencialismo/](http://www.infoescola.com/filosofia/existencialismo/)>. Acesso em: 25 jul. 2013.

SHEDD, Russell. **Adoração bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e
mensagem**. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida
Nova, 2001.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São
Paulo: Vida Nova, 2002.

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**. 4. ed. Tradução de Lélia de Almeida Gonzales. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1980.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Proféticos**. Tradução de Susana E. Klassen. São Paulo: Geográfica, 2008. v. 4